

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ANA FLÁVIA ALVES DOS REIS**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: REVITALIZAÇÃO URBANA: PRAÇA
TOCANTINS EM CASCAVEL – PR**

**CASCAVEL
2019**

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ANA FLÁVIA ALVES DOS REIS

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: REVITALIZAÇÃO URBANA: PRAÇA
TOCANTINS EM CASCAVEL – PR**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Projetual, como
requisito parcial para a aprovação na
disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Professora Orientadora: Arquiteta Ma.
Andressa Carolina Ruschel

CASCAVEL
2019

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ANA FLÁVIA ALVES DOS REIS

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: REVITALIZAÇÃO URBANA: PRAÇA
TOCANTINS EM CASCAVEL – PR**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Professora Ma. Andressa Carolina Ruschel.

BANCA EXAMINADORA

Andressa Carolina Ruschel
Centro Universitário Assis Gurgacz
Mestra

Ana Gabriela Rigo Borges
Instituição a que Pertence
Titulação

Cascavel/PR, 21 de maio de 2019.

RESUMO

O Assunto a ser abordado está na área de Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa PARQ – Projetos de Arquitetura do Contexto Urbano, e trata especificamente da revitalização da Praça Tocantins na Cidade de Cascavel – PR. Esta pesquisa busca explorar o estudo dos espaços públicos e praças, analisando quais benefícios esses espaços podem trazer à população. Tem como problema da pesquisa a seguinte indagação: como proporcionar um espaço de lazer para os moradores do bairro Brasmadeira, de forma a trazer uma melhor qualidade de vida e segurança para a região? A hipótese inicial é de que uma revitalização na praça e arredores, além de lazer, traria mais segurança à quem utiliza este caminho diariamente, além de uma real valorização da região. O objetivo geral deste trabalho é elaborar um projeto de revitalização da praça Tocantins, de forma a garantir espaços de lazer e segurança aos moradores do bairro Brasmadeira. Para isso foram definidos os seguintes objetivos específicos: A) Realizar revisão bibliográfica sobre o tema; B) Tratar sobre revitalização urbana; C) Analisar correlatos de áreas revitalizadas em bairros periféricos; D) Compreender o espaço e necessidades da região da Praça Tocantins; E) Desenvolver um projeto de revitalização da Praça Tocantins. Apoiado pelo método de pesquisa bibliográfica, pesquisa qualitativa e estudo de caso, embasados no método indutivo. Desta forma foi possível desenvolver uma revisão bibliográfica sobre o espaço urbano, intervenção urbana, revitalização, áreas verdes e praças. Constatando assim a importância tanto social, como ambiental e econômica, das praças, e o quanto a presença de áreas verdes nos bairros melhora a qualidade de vida de seus moradores.

Palavras chave: Revitalização. Meio urbano. Praça. Áreas verdes. Intervenção urbana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Localização da Calçada de Todas as Cores.....	26
Figura 02: Calçada em frente à CASACOR.....	27
Figura 03: Utilização da calçada como espaço de lazer e permanência.....	27
Figura 04: Arquibancada que vira cobertura multifacetada.....	28
Figura 05: Planta isométrica da Calçada de Todas as Cores.....	29
Figura 06: Localização da Praça Fonte Nova.....	30
Figura 07: Vista superior mostrando a arborização da praça e o viaduto.....	31
Figura 08: Planta baixa mostrando as ilhas.....	31
Figura 09: Bancos pré-fabricados.....	32
Figura 10: Ilha que contém a fonte.....	33
Figura 11: Ilha com o parque infantil.....	33
Figura 12: Ilha com o parque canino.....	34
Figura 13: Área sob o viaduto.....	34
Figura 14: Ciclovias.....	35
Figura 15: Utilização da praça e circulação.....	35
Figura 16: Localização Cantinho do Céu.....	36
Figura 17: Construções e rua, às margens da represa, antes da intervenção.....	37
Figura 18: Vistas aéreas, da ocupação irregular, antes da intervenção.....	38
Figura 19: Proposta das construções que seriam removidas.....	40
Figura 20: Área limpa após a remoção das construções em risco.....	40
Figura 21: Parque construído no local que foi desocupado.....	41
Figura 22: Estudo e proposta viária.....	41
Figura 23: Definição das áreas de preservação e conservação, locais de estar, fluxos e escoamento de águas pluviais.....	42
Figura 24: Vista aérea da quadra de futebol, pista de skate e praça para contemplação.....	43

Figura 25: Pista de caminhada.....	44
Figura 26: Cinema.....	44
Figura 27: Moradores fazendo exercícios no deck.....	44
Figura 28: Painel composto pelas faces cegas das edificações.....	45
Figura 29: Localização do município de Cascavel.....	46
Figura 30: Limites do município de Cascavel.....	47
Figura 31: Localização do bairro Brasmadeira.....	48
Figura 32: Localização da praça Tocantins.....	48
Figura 33: Rede de abastecimento de água.....	49
Figura 34: Zona de Coleta Legal.....	49
Figura 35: Localização de CMEI's.....	50
Figura 36: Localização de escolas municipais.....	50
Figura 37: Localização de colégios estaduais.....	50
Figura 38: Localização de UBS's.....	51
Figura 39: Localização de farmácias.....	51
Figura 40: Localização de mercados.....	51
Figura 41: Localização de restaurantes.....	52
Figura 42: Localização de lanchonetes.....	52
Figura 43: Localização de áreas esporte e lazer.....	53
Figura 44: Terminal Nordeste.....	53
Figura 45: Pontos de ônibus próximos à praça Tocantins.....	54
Figura 46: Intensidade do trânsito.....	54
Figura 47: Arborização da praça Tocantins.....	55
Figura 48: Bancos existentes.....	55
Figura 49: Lixeiras existentes.....	56
Figura 50: Superposte existente.....	56
Figura 51: Calçadas existentes.....	56

Figura 52: Ponto ônibus existente.....	57
Figura 53: Insolação e desnível do terreno.....	58
Figura 54: Plano massa.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DIRECIONADAS AO TEMA DA PESQUISA.....	17
1.1 O ESPAÇO URBANO	17
1.1.1 O surgimento do espaço urbano.....	17
1.1.2 A morfologia do espaço urbano.....	17
1.1.3 A composição do espaço urbano.....	18
1.2 INTERVENÇÃO URBANA.....	19
1.3 REVITALIZAÇÃO.....	21
1.4 ÁREAS VERDES.....	22
1.5 PRAÇAS.....	24
1.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	24
2 CORRELATOS.....	26
2.1 CALÇADA DE TODAS AS CORES.....	26
2.1.1 Localização.....	26
2.1.2 Histórico.....	26
2.1.3 Aspectos Conceituais.....	27
2.1.4 Aspectos Formais.....	28
2.1.5 Aspectos Funcionais.....	28
2.2 PRAÇA FONTE NOVA.....	29
2.2.1 Localização.....	29
2.2.2 Histórico.....	30

2.2.3 Aspectos Conceituais.....	30
2.2.4 Aspectos Formais.....	31
2.2.5 Aspectos Funcionais.....	32
2.3 COMPLEXO CANTINHO DO CÉU.....	36
2.3.1 Localização.....	36
2.3.2 Histórico.....	36
2.3.3 Aspectos Conceituais.....	38
2.3.4 Aspectos Formais.....	39
2.3.5 Aspectos Funcionais.....	43
3 APLICAÇÃO DO TEMA DELIMITADO.....	46
3.1 CIDADE DE CASCAVEL.....	46
3.2 PRAÇA TOCANTINS.....	47
3.2.1 Localização.....	47
3.2.2 Equipamentos urbanos.....	48
3.2.3 Equipamentos comunitários.....	49
3.2.4 Geração de tráfego e demanda por transporte público.....	53
3.2.5 Arborização.....	54
3.2.6 Mobiliário urbano.....	55
3.3 INTENÇÕES PROJETUAIS.....	57
3.3.1 Conceito.....	57
3.3.2 Partido arquitetônico.....	57
3.3.3 Programa de necessidades.....	58
3.3.4 Insolação e desnível do terreno.....	58
3.3.5 Plano massa.....	59

CONSIDERAÇÕES..... 60

REFERÊNCIAS..... 62

INTRODUÇÃO

O Assunto a ser abordado está na área de Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa PARQ – Projetos de Arquitetura do Contexto Urbano, e trata especificamente da revitalização da Praça Tocantins na Cidade de Cascavel – PR.

Esta pesquisa busca explorar o estudo dos espaços públicos e praças, analisando quais benefícios esses espaços podem trazer à população. O presente trabalho refere-se à proposta de uma revitalização da praça Tocantins da cidade de Cascavel, no estado do Paraná. A praça foi escolhida por seu potencial, se localizando em uma das principais ruas do bairro Brasmadeira, a rua Adolfo Garcia, mas apesar da boa localização a praça apresenta falta de infraestrutura, sem espaços apropriados para as pessoas permanecerem, falta de equipamentos urbanos e seu abandono torna a área perigosa para circulação em determinados horários. Essa proposta pretende trazer benefícios urbanísticos, proporcionar um ambiente acolhedor à sociedade e apresentar melhorias na estética do bairro onde a praça encontra-se inserida. A proposta busca também, conscientizar a população a respeitar o ambiente e natureza nele presente, juntamente com o lazer e o aumento da segurança.

A cidade de Cascavel está em constante desenvolvimento, segundo o último censo de 2010 (IBGE, 2017), a cidade possuía 286.205 habitantes, mas já em 2018, segundo uma estimativa do IBGE, estaria atingindo cerca de 324.476 habitantes. Uma cidade em desenvolvimento necessita de um bom planejamento urbano, mas quando este planejamento não foi efetivo em seus interesses, locais acabam não seguindo seus devidos usos, ou até mesmo acabam ficando abandonados, oferecendo riscos aos moradores, como violência e insalubridade. E é nestes locais degradados e muitas vezes esquecidos pelo poder público, onde se enxerga a necessidade da revitalização urbana, trazendo novos usos à locais antes inutilizados, melhorando a qualidade de vida e valorizando a região antes esquecida.

A praça Tocantins, no bairro Brasmadeira na cidade de Cascavel – PR, se localiza em um ponto entre três paradas de ônibus coletivo, fazendo dela uma passagem constante de pedestres, muitos destes pedestres desviam seus caminhos da praça, já que a mesma se tornou perigosa devido à sua degradação e abandono, e essa situação se justifica pelos índices de violência no bairro, que foi considerado o bairro mais violento no ano de 2016, pelo jornal O Paraná (2017). Surge assim o problema da pesquisa: Como proporcionar um espaço de lazer para os moradores do bairro Brasmadeira, de forma a trazer uma melhor qualidade de vida e segurança para a região? A hipótese inicial é de que uma revitalização na praça e arredores,

além de lazer, traria mais segurança à quem utiliza este caminho diariamente, além de uma real valorização da região.

O presente trabalho tem como objetivo geral elaborar um projeto de revitalização da praça Tocantins, de forma à garantir espaços de lazer e segurança aos moradores do bairro Brasmadeira.

Os objetivos específicos são:

- A) Realizar revisão bibliográfica sobre o tema;
- B) Tratar sobre revitalização urbana;
- C) Analisar correlatos de áreas revitalizadas em bairros periféricos;
- D) Compreender o espaço e necessidades da região da Praça Tocantins;
- E) Desenvolver um projeto de revitalização da Praça Tocantins.

A metodologia a ser utilizada na elaboração desta pesquisa são a pesquisa bibliográfica, a pesquisa qualitativa e o estudo de caso, desenvolvidos através do método indutivo.

Segundo Marconi e Lakatos (2010) a finalidade da pesquisa bibliográfica é possibilitar o acesso do pesquisador à toda e qualquer informação escrita, dita ou filmada sobre um assunto específico.

Na pesquisa qualitativa há um mínimo de estruturação prévia. Nela não se permitem regras exatas, como variáveis antecipadas, e as teorias que podem ser aplicadas serão empregadas durante a investigação. Neste tipo de pesquisa conforme os dados são coletados, e vão sendo interpretados, pode gerar a necessidade de novos levantamentos (MARCONI e LAKATOS, 2011).

O estudo de caso é voltado para a coleta de dados de um ou vários casos isolados, onde se elaboram relatórios organizados e avaliados, criando uma margem de abertura para intervenções sobre o objeto de investigação escolhido (BARROS e LEHFELD, 2000).

Já o método indutivo é descrito pelos autores Marconi e Lakatos, da seguinte forma:

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam (MARCONI e LAKATOS, 2010, p.68).

Ou seja, no método indutivo, ao partir de uma concepção individual o autor busca informações de valor comprovado para validar suas crenças particulares e aplicá-las num contexto geral, chegando a uma conclusão mais ampla, diferente da qual se baseou.

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo são abordados tópicos relevantes para o bom entendimento da revitalização urbana, bem como sua função e importância para a qualidade de vida no espaço urbano.

1.1 O ESPAÇO URBANO

1.1.1 O surgimento do espaço urbano

Desde seus primórdios, à cerca de 250 à 300 mil anos a.C., os humanos garantem sua sobrevivência e reprodução, dominando e controlando a natureza através do seu conhecimento. Ao realizar este domínio, o ser humano desenvolveu a capacidade de adequar, à seu modo de vida, o meio físico. Possibilitando, a partir desta adequação, que deixasse suas raízes nômades para tornar-se um ser sedentário, que domina todo o meio à seu redor para tornar possível sua subsistência e permanência em um determinado local, sem que necessariamente tivesse que estar constantemente migrando para encontrar recursos. Desta forma, ao entender como o ser humano ocupa o meio físico é possível compreender como funciona sua sociedade (FERREIRA, 2002).

Cada vez mais, o mundo está se tornando urbano, desta forma, é na cidade onde vivem e se concentram a maioria dos habitantes, isto integra diversas partes que formam uma organização completamente viva e, na medida do possível, funcional. No século XX, com a intensa urbanização pós-moderna, o Brasil se desenvolveu e cresceu. As grandes cidades cresceram cada vez mais, se unido e formando regiões metropolitanas, com áreas periféricas amplas, que são ocupadas pela parte mais carente da população, constantemente excluídas das áreas centrais. Estas áreas são desprovidas de infraestrutura básica, com baixa qualidade de vida. Os problemas urbanos fazem parte do cotidiano e não são novidade nas cidades, da mesma forma que as favelas, as vilas, as invasões e alagados crescem. Além dos problemas cotidianos, é percebida com frequência a verticalização sem precedentes e a poluição constante de das águas, solo e ar assumindo proporções amplas (OLIVEIRA, 2001).

1.1.2 A morfologia do espaço urbano

A morfologia do espaço urbano equivale à maneira como se organiza e se conecta a sua arquitetura. Compreendendo por arquitetura da cidade dois aspectos: um produto ou obra de engenharia e de arquitetura maior ou menor, que cresce no tempo, e da mesma forma os fatos

urbanos caracterizados por arquitetura e por uma forma própria. Este também é o ponto de vista mais certo para encarar o problema da forma urbana, porque é através da arquitetura da cidade que melhor se pode caracterizar o espaço urbano. A definição de forma urbana é: aspecto da realidade, ou modo como se organizam os elementos morfológicos que constituem e definem o espaço urbano (LAMAS e RESSANO, 1993).

Segundo Cullen (2006), o urbano é algo mais do que a soma da sua população, é a unidade geradora de bem-estar e de praticidades que leva a grande parte das pessoas a querer viver em comunidades, considerando o impacto visual das cidades sobre a população e visitantes. Assim, o espaço urbano é a arte de relacionar, reunindo os elementos que cooperam para a criação do ambiente, desde os edifícios aos anúncios, passando pelas árvores, pela água, por toda a natureza, fazendo com que esses elementos despertem a emoção.

A noção de forma aplica-se a conjuntos urbanos de diversas grandezas e complexidades. Fala-se de forma física para uma praça, uma rua, um bairro, uma cidade e até para uma área metropolitana. O espaço humanizado público constitui um ambiente global que só como tal pode ser compreendido. Assim, pode-se estabelecer uma classificação das escalas ou dimensões da forma urbana: Dimensão setorial – a escala da rua, dimensão urbana – a escala do bairro, dimensão territorial – a escala da cidade (LAMAS e RESSANO, 1993).

1.1.3 A composição do espaço urbano

O espaço urbano pode ser compreendido como um complexo sistema espacial, onde sua composição estabelece ruas, bairros, limites, redes, multiplicidades de lugares, como praças, parques, centros e periferias, que podem ser entendidos e percebidos individualmente, mas que como elementos de um todo são percebidos em sinergia e conectados, onde se conectam o subjetivo e o abstrato contendo em sua utilidade uma essência de uso, sentimentos ou vivências e função. Trazendo consigo a essência da sociedade provedora nas partículas do meio urbano, carregados de simbologias e signos da sua história e cultura, desde de seus primórdios na relações socioeconômicas onde basearam seu desenvolvimento (SILVA e ROMERO, 2011).

Os elementos do espaço urbano são: o pavimento, os edifícios, o lote, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado/a rua, a praça, o monumento, a árvore e a vegetação, o mobiliário urbano (LAMAS e RESSANO, 1993).

Trazendo uma infinidade de sensações à quem observa, o meio urbano é composto não só da percepção física e visual, ele agrega à estas percepções vivências e histórias de seu

observador para constituir o espaço da cidade. Ele traz consigo as sombras, as luzes, as formas, os gostos, os sentimentos, os cheiros, as lembranças, a natureza, o tato, as texturas, as cores, os fatos cotidianos e a própria história, além mesmo os dramas individuais e do todo, onde estes elementos interferem diretamente na composição da paisagem e da vida urbana, afetando e interagindo de forma diferente na percepção de cada habitante, que relaciona tudo às suas vivências, referenciais e formação cultural (SILVA e ROMERO, 2011).

1.2 INTERVENÇÃO URBANA

A intervenção urbana surge da necessidade de resgatar espaços urbanos deixados ao descaso e sem a devida utilização para qual foram concebidos. Dentro da intervenção do espaço deve-se considerar suas características físicas e seu valor histórico para a cidade. “A cidade propicia experiências transformadoras por ser um espaço onde se encontram as diversidades e as heterogeneidades sociais”. Além disso, é considerada a cidade como “uma soma de diversos tipos de espaços, todos eles codificados, significados, com regras, valores e lógicas” (URIARTE, 2003, p. 47).

Dessa forma, ao modificar ou criar espaços urbanos, torna-se obrigatório revelar particularidades da cultura urbana de uma cidade e analisar os diferentes tipos de espaços nela encontrados. Tudo isso porque os espaços são domínios culturais enquanto possibilitam comportamentos, estabelecimento de valores, ou seja, práticas sociais específicas, carregadas de significados e manipuladoras de impulsos únicos, tanto cognitivos quanto afetivos (URIARTE, 2003).

Após o período Neolítico, cidade e cultura é uma coisa só, não existe cultura sem cidade. Neste período a cultura se desenvolve e convive-se com o estranho, dotado de aceitação e tolerância com o que é externo. A cidade é o local onde se pratica a convivência com aquele que não se conhece e que é diferente. Nesse ambiente de desenvolvimento urbano originam-se os direitos civis, os quais estão intimamente ligados ao espaço nos quais os homens podem se encontrar, sem que se admirem em serem estranhos (NEGT, 2002).

Além disso, o espaço representa a particularidade de uma população, pois é nela que se organiza, onde os agentes desta organização são as memórias, os usos e eixos essenciais e coletivos, por exemplo, público e privado, centro e periferia, conhecido e desconhecido (URIARTE, 2003).

Esses usos que configuram e delimitam os espaços são influenciados pelo ambiente físico e este, também, influencia nessas atividades de diferentes graus e nas diversas maneiras

de serem realizadas. O arquiteto Jan Gehl (1987) enumera quais são os tipos de usos de espaços públicos e como suas condições físicas influenciam nas atividades em lugar delimitado entre edifícios. Classifica, então, as atividades nos espaços públicos em relação às demandas diferentes que se criam no espaço físico. São elas as atividades necessárias, atividades opcionais e atividades sociais (GEHL, 1987).

Atividades necessárias são aquelas mais ou menos obrigatórias, como ir à escola ou ao trabalho, fazer compras, esperar um ônibus ou uma pessoa, por exemplo. Já as atividades opcionais são aquelas em que as pessoas procuram participar tendo um anseio em fazê-las se o tempo e o espaço as tornam possíveis. Essa categoria inclui atividades como uma caminhada para respirar um ar fresco, passear para apenas apreciar a vida ou estar sentado para tomar um sol. Essas atividades se concretizam apenas quando as condições de estar ao ar livre são de qualidade e quando o tempo e o local são convidativos (GEHL, 1987).

Segundo Gehl, ao passo em que as atividades são especialmente dependentes de condições físicas externas, surge a necessidade de se realizar planejamento físico de espaços públicos, para que ofereçam atividades recreativas. Se áreas externas são de baixa qualidade, irão ocorrer apenas atividades estritamente necessárias. Por outro lado, se áreas ao ar livre forem de alta qualidade, atividades necessárias ocorrerão, aproximadamente, com a mesma frequência (GEHL, 1987).

Nas ruas e espaços urbanos de baixa qualidade, apenas um número mínimo de atividades tomam lugar, pois as pessoas terão pressa em retornar para casa. Já em um ambiente harmonioso abre-se um amplo espectro de atividades possíveis. Tudo isso porque as atividades sociais são aquelas que dependem da presença de outras pessoas em um espaço público, como crianças brincando, pessoas se cumprimentando e conversando, e finalmente contatos passivos, ver e ouvir outra pessoa simplesmente, como atividade social mais difundida. Atividades sociais ocorrem espontaneamente como uma consequência direta do movimento das pessoas que estão num mesmo local, assim, são suportadas de forma indireta em todo momento que seja necessário. Já as atividades opcionais são dadas a partir de melhores condições dos espaços públicos (GEHL, 1987).

Portanto, destaca-se a importância de se melhorar as configurações dos espaços públicos com o intuito de proporcionar aos habitantes da cidade uma escolha e a espontaneidade de vivenciarem esses espaços em atividades que estão sendo suprimidas pela organização e desenho urbanos, bem como pela cultura individualista, disseminada pelo pensamento capitalista contemporâneo. Uma intervenção urbana e até mesmo paisagística

eficiente, que interfira no tempo e espaço, reanima qualidades do local, resgatando o que se havia perdido.

Existem diferentes formas de intervenções urbanas que transformam e regeneram as áreas e espaços públicos construídos, com o objetivo de tratar questões sociais, econômicas e ambientais, para que a população local possa utilizar e se beneficiar de forma positiva dessas mudanças. As formas de intervenção urbana são: a **renovação urbana** que substitui ou reconstrói, podendo assim modificar a utilização do espaço; a **requalificação urbana** que dá uma nova função ao espaço ao mesmo tempo que melhora sua estética; a **reabilitação urbana** que restaura áreas, edificações ou espaços degradados, mas sem mudar sua função; e a **revitalização urbana** que trata de recuperar uma construção ou espaço degradado (TANSCHKEIT, 2017).

Dentre todas estas formas citadas por Tanscheit (2017), revitalização urbana foi o tipo de intervenção eleita para embasar este trabalho e será tratada mais afundo no tópico a seguir.

1.3 REVITALIZAÇÃO

Para Bezerra e Chaves (2014), a origem das revitalizações vem do conflito com a renovação urbana. Para Delphin (1999), revitalização vem do latim “praeservar” que significa preservação. Isso engloba todas as ações essenciais para preservar bens culturais. Segundo De Carli (2008), ela teve início em 1960 embasada na teoria do Urbanismo Progressista Italiano. Com o passar do tempo, foi perdendo a identidade cultural e passou a ser muito usada para reparação de áreas degradadas.

Braga (2003) acredita que o significado é reavivar o local sem mudar sua história original, e a revitalização tem por característica deixar a construção íntegra. Explica que, com o tempo há degradação e, por isso, se torna necessário o uso de revitalização no determinado local, e o principal responsável é o homem vândalo.

Uma revitalização pode ser parcial ou total de um determinado lugar, o que significa que o local pode ser modificado totalmente ou pode ser mantida algumas de suas características, e ela não é feita apenas em áreas de preservação histórica, e sim sempre que necessário em uma área que está corrompida. Na maioria dos casos a revitalização vem junto com o planejamento da cidade. Tem início com o objetivo de modernizar e deixar a cidade esteticamente agradável ou por meio de interesses imobiliários (BEZERRA e CHAVES, 2014).

A introdução de elementos decorativos transforma a paisagem existente sem ocasionar uma mudança na estrutura espaço aberto, beneficiando-se apenas de suas qualidades estéticas (ROBBA e MACEDO, 2010).

O mobiliário urbano deve ser reformulado proporcionando às ruas, praças e aos espaços abertos melhor adequação além de um vínculo entre os volumes construídos e os espaços livres (BRANDI, 2004).

A preservação do patrimônio arquitetônico age no campo da dualidade entre o antigo e o novo, entre criar e preservar. As etapas de um projeto novo devem ser seguidas em uma revitalização, a diferença é que em cada etapa recentes elementos devem ser explorados e executados, partindo da coleta de dados existentes (BRAGA, 2003).

1.4 ÁREAS VERDES

As três últimas décadas do século XX, são caracterizadas por várias mudanças, entre elas a reorganização da paisagem dos grandes centros urbanos no mundo. No Brasil, o aumento do processo de urbanização e o fortalecimento da metropolização, que são consequência da migração em busca de melhores condições de vida induziram, em 1980, o aumento da ocupação informal na periferia dos principais centros urbanos. O mercado imobiliário valorizou novos lugares, focado nas pessoas com renda mais alta fazendo com que a população ficasse dispersa e ocorrendo o esgarçamento do tecido periférico. Esse novo núcleo feito pela iniciativa privada, passou a querer uma maior relação com a natureza. Nessa época a população urbana brasileira procurava hábitos por atividades recreativas e culturais ao ar livre, com a aceitação da relação entre a prática de exercícios, saúde e bem-estar que fez aumentar a procura por equipamentos de lazer em espaços livres públicos. A década de 80 foi marcada pela mobilização e conquista da sociedade em direção à abertura política, os movimentos sociais promovidos pela sociedade para a preservação do patrimônio cultural e natural. Com esse processo de abertura para a participação popular, imediatamente foi percebida a necessidade de espaços livres públicos nas áreas centrais (Farah et al., 2010)

O território é o produto e processo social, nele se encontra a impressão da dinâmica social. Quando se utiliza o território, as pessoas que se utilizam dele geram diferenças de usos e significados, já que esses mudam ao longo do tempo. A ideia de paisagem e lugar como transformação coloca em foco a importância da ação do homem como conformadora principal, assim quando se analisa um suposto local para intervenção deve-se levar em conta o usuário, o tempo e o espaço. A paisagem não é só um produto final, é um processo de

transformação, que mostra a criatividade das pessoas que utilizam esses lugares (PRONSATO, 2005).

A paisagem possui as marcas dos processos culturais e técnicos, sendo assim, um instrumento valioso, que mostra a história do lugar. O processo de apropriar-se da natureza, construir a paisagem e valorizar o local é um processo que está relacionado com o coletivo. Consequentemente, leva-se em consideração a imaginação criativa e a comunicação, contribuindo para o desenvolvimento. Esse processo pode ser mais analisado na elaboração participativa no projeto de intervenção paisagística e arquitetônica representando a possibilidade de criar locais mais significativos e que integrem mais a população (PRONSATO, 2005).

As áreas de grande circulação populacional, são suportáveis com a ajuda da natureza as quais reduzem os níveis de barulho, reduzem a temperatura e reduzem os índices de poluição. Assim, nota-se que a vegetação das paisagens não cumpre apenas o papel ecológico, mas também social, pois quando se melhora o padrão ambiental no espaço urbano, a população é diretamente afetada, melhorando assim a sua qualidade de vida. Os espaços livres devem ser feitos de modo que mostrem e atendam às necessidades sociais e ambientais. Para suprir essas necessidades sociais e ambientais, o poder público utiliza a gestão da arborização urbana, com a arborização das áreas verdes, arborização de ruas e florestas urbanas (LIRA FILHO; PAIVA e GONÇALVES, 2001).

Sendo assim, a função que as áreas verdes e os espaços abertos possuem no meio urbano, pode ser classificada em três aspectos, valores paisagísticos, valores recreativos, e valores ambientais. Todas elas, direta ou indiretamente possuem ligações na qualidade de vida da população urbana. Nesse sentido, as áreas verdes podem ter o papel de identidade dos lugares e merecem mais atenção pelas funções que desempenham na recreação. Criando situações contraditórias, uma vez que a demanda aumenta, a oferta por esses espaços diminui. Com essa situação, devem ser lembradas as possibilidades de aproveitamento do conjunto de espaços livres disponíveis, públicos ou privados, aumentando as possibilidades para suprir a carência de áreas de lazer na cidade (LIRA FILHO; PAIVA e GONÇALVES, 2001).

Segundo Lira Filho, Paiva e Gonçalves (2001), existe um padrão mínimo de áreas verdes exigido pela Organização das Nações Unidas (ONU) que as cidades devem seguir, onde índice satisfatório de área verde é de pelo menos 12m² quadrados de área verde por habitante.

1.5 PRAÇAS

Historicamente, a praça é caracterizada como um elemento de supra importância na composição do urbano, onde se cria uma interação social onde são entrelaçadas atividades econômicas e questões relacionadas ao poder político, sendo palco de celebrações, local onde a justiça era feita e um ambiente de troca de informações e bens, o que reforça a suas dimensões sociais e econômicas (ALMEIDA, 2006).

Almeida (2006) entende que com o passar do tempo a praça sofreu alterações na utilização de seu espaço físico, assim como alterações em seu significado, apresentando um papel mais individual e privado.

Lynch (1999) diz que as praças são locais de lazer e encontro dos habitantes da cidade, áreas de refúgio, onde se tem um descanso do cotidiano e para que esses objetivos sejam atingidos o bem-estar dos usuários é primordial. Desta forma a praça precisa ter uma série de elementos que atraiam a população, equipamentos urbanos e mobiliário que proporcionem conforto, como bancos, iluminação adequada, fontes, cobertura vegetais, proporcionando sombra. Tudo isso é indispensável para proporcionar o conforto neste espaço.

A praça é o local público onde acontecem os encontros do dia-a-dia das grandes cidades, ela é um local de afetividade e trocas. A praça pode ser entendida como um espaço público criado propositalmente para finalidade de permanência, circulação, comércio, encontros e até mesmo como ponto de manifestações comemorações e diversos acontecimentos importantes de cunho público, tendo a arquitetura como destaque e chamariz. O espaço urbano necessita de espaços verdes e a praça proporciona isso, ela é um meio fundamental da qualidade de vida nas cidades, esta relação é óbvia, a qualidade do espaço urbano está diretamente ligado à qualidade de vida de seus habitantes (LAMAS e RESSANO, 1993).

1.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO

O espaço urbano é um organismo vivo, onde existe uma sinergia e nele existem diversos fatores que delimitam sua qualidade, cada pessoa percebe o espaço de uma forma diferente, mas este espaço deve englobar diversos fatores para que todos tenham uma percepção boa e possam aproveitá-lo ao máximo. Estes espaços precisam ter desde ruas e lotes à equipamentos urbanos como bancos, iluminação, e nele devem ser inclusos áreas de recreação parques e praças, para serem utilizados como áreas de escape da vida cotidiana.

Historicamente a praça foi elemento crucial na vida da cidade, tendo seu papel social, cultural, político e de lazer. Com o passar do tempo a praça foi perdendo alguns de seus significados, contudo, não deixando de ser um elemento de suma importância, já que durante o desenvolvimento das cidades e verticalização das mesmas, observou-se uma necessidade em proporcionar espaços de lazer e contato com a natureza à população; e as praças, por serem locais tão significativos, podem ser uma das melhores formas de criar estes espaços, contribuindo assim para a qualidade de vida urbana.

A revitalização entra neste âmbito como uma ferramenta, tanto de restauração quanto de requalificação do espaço, que readéqua as áreas, onde seu uso foi desviado, em áreas renovadas ou imprimindo um novo uso, para que a mesma se adapte às novas necessidades dos usuários locais, transformando espaços sem uso em espaços com novos significados.

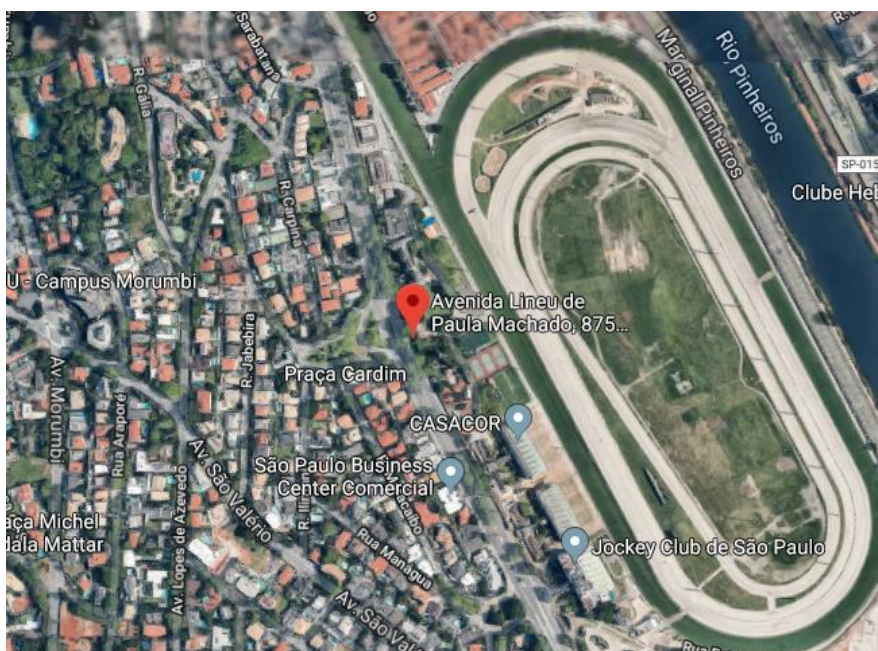
2 CORRELATOS

2.1 CALÇADA DE TODAS AS CORES

2.1.1 Localização

Localizada na entrada da CASACOR São Paulo 2018, Avenida Lineu de Paula Machado, 875, São Paulo – SP – Brasil [FIGURA 01].

Figura 01: Localização da Calçada de Todas as Cores



Fonte: Adaptada de Google Maps (2019).

2.1.2 Histórico

A Calçada de Todas as Cores foi o único ambiente externo da mostra de arquitetura CASACOR São Paulo [FIGURA 02], era o ambiente que recepcionava os visitantes do evento. Foi projetada em parceria pelos escritórios Zoom Urbanismo Arquitetura e Design e Lao Engenharia & Design, este espaço tinha como objetivo mostrar aos visitantes que o espaço público pode ter o mesmo acolhimento e qualidade que os ambientes internos expostos na CASACOR, servindo de modelo para diversos conceitos que poderiam ser replicados nas cidades (PEREIRA, 2019).

Figura 02: Calçada em frente à CASACOR.

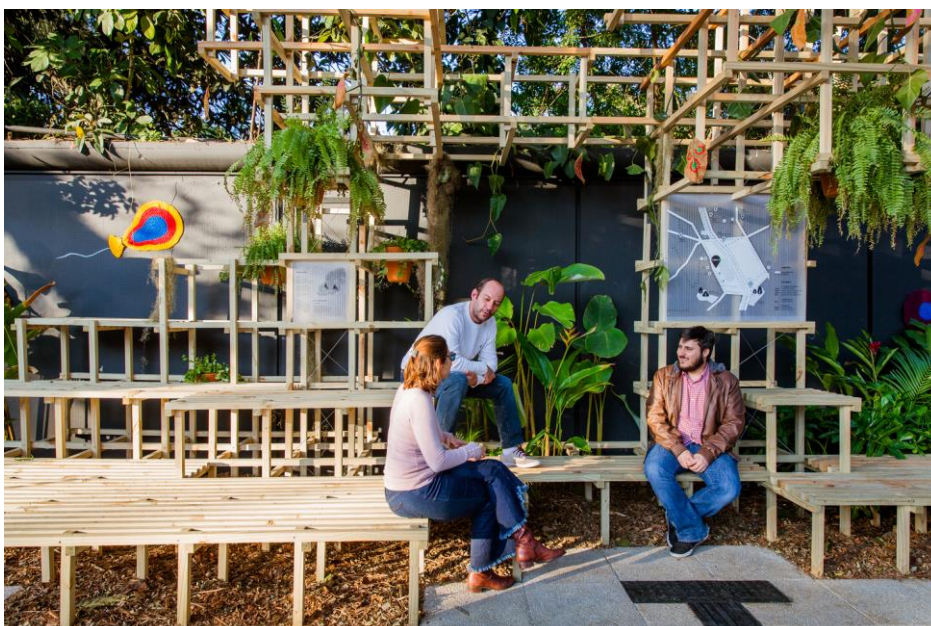


Fonte: ArchDaily (2019).

2.1.3 Aspectos Conceituais

A calçada foi entendida não só como um espaço público de passagem, um piso, mas sim como um local de permanência e de lazer, um ambiente. Nela estão instalados infraestrutura urbana como postes, mobiliário urbano, arborização e também são interface entre a rua e o espaço privado [FIGURA 03] (PEREIRA, 2019).

Figura 03: Utilização da calçada como espaço de lazer e permanência.

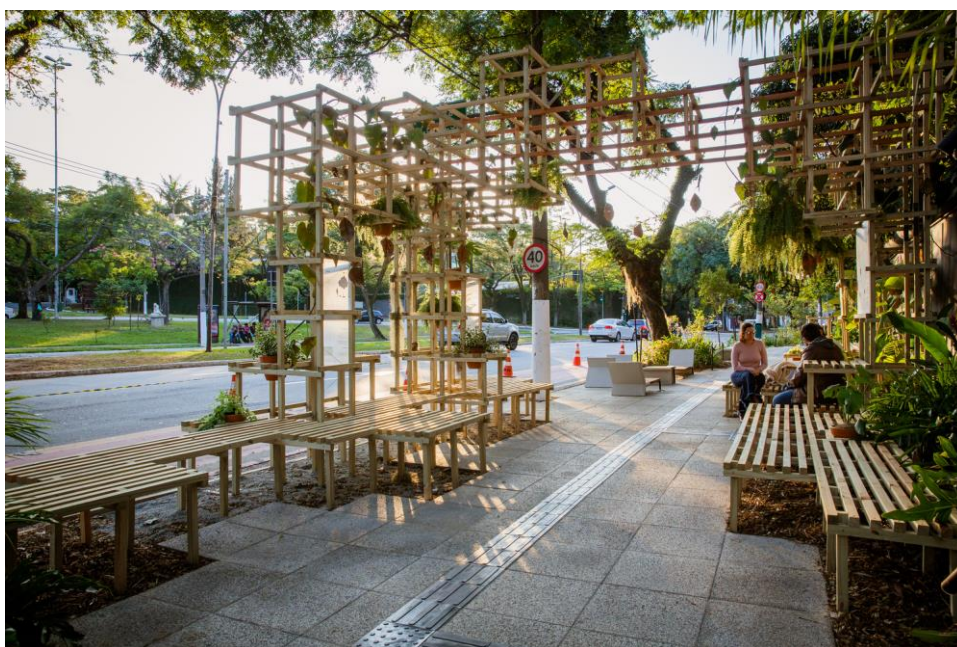


Fonte: ArchDaily (2019).

2.1.4 Aspectos Formais

Ao se aproximar da Calçada, o primeiro elemento a se destacar era a estrutura de madeira, despertando a curiosidade de quem por lá passava. Essa estrutura funcionava como uma arquibancada com assentos de variadas alturas, profundidades e ângulos, o que criava diferentes situações, possibilidades e vistas. Ao aumentar em altura, ela ia virando uma cobertura multifacetada, que te envolvia conforme você a atravessava. Uma referência na paisagem que vai se revelando enquanto você caminha. A ideia da arquibancada era ser mais do que um mobiliário, era criar um ambiente, uma ocasião [FIGURA 04] (PEREIRA, 2019).

Figura 04: Arquibancada que vira cobertura multifacetada.



Fonte: ArchDaily (2019).

2.1.5 Aspectos Funcionais

O piso é o principal elemento de uma calçada. Para a Calçada de Todas as Cores, foi escolhido um piso drenante, ou seja, um piso que permeável e que permite que a água da chuva retorne ao solo. Ainda no tema da drenagem foram projetados jardins de chuva, ligados à sarjeta da avenida. Os jardins de chuva permitem que a água pluvial fique represada por um tempo e vá sendo absorvida aos poucos pelo solo [FIGURA 05] (PEREIRA, 2019).

Figura 05: Planta isométrica da Calçada de Todas as Cores.



Fonte: ArchDaily (2019).

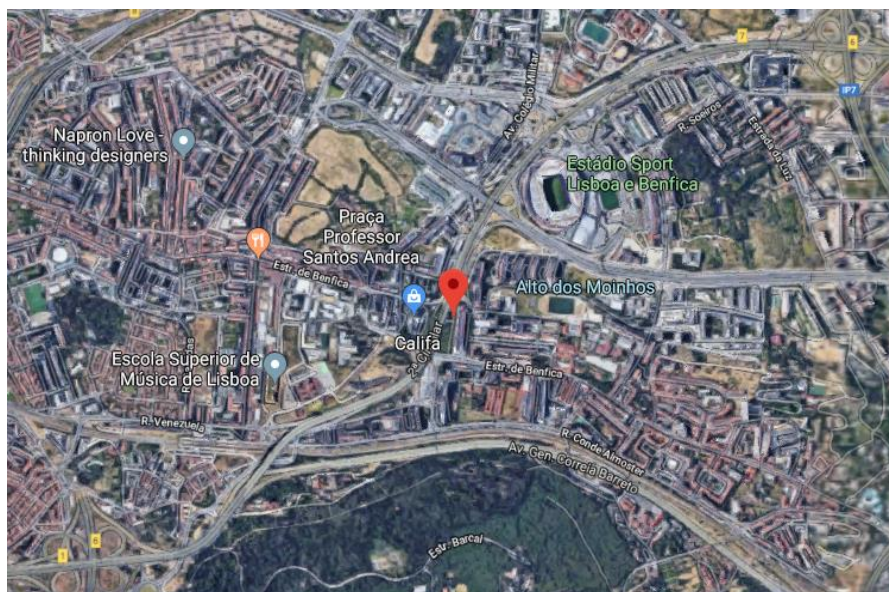
A Calçada de Todas as Cores possuía sinalização do piso e mapa tátil, que orienta as pessoas com deficiência visual. Além dessa sinalização, foi disponibilizado um mapa visual com informações do entorno, transporte público, pontos de interesse próximos e distâncias (PEREIRA, 2019).

2.2 PRAÇA FONTE NOVA

2.2.1 Localização

A Praça Fonte Nova está localizada na Alameda Manuel Ricardo Espírito Santo, 1500-501 Lisboa, Portugal [FIGURA 06] (VADA, 2018).

Figura 06: Localização da Praça Fonte Nova.



Fonte: Adaptada de Google Maps (2019).

2.2.2 Histórico

Até à primeira metade do século vinte, a área onde se situava o parque de estacionamento Fonte Nova era uma zona rural com moradias de produção agrícola. Os terrenos eram férteis, devido à proximidade da Ribeira de Alcântara e a água era abundante. A presença de água e de fontes conferiu o nome ao local. Esta área era atravessada pela Estrada de Benfica, um eixo de grande importância na relação de Lisboa. Na década de sessenta do século vinte, com a construção da Segunda Circular de Lisboa e do viaduto sobre a Estrada de Benfica, esta zona sofreu uma profunda alteração (VADA, 2018).

As moradias foram destruídas, os eixos viários existentes foram interrompidos, e a área foi sucessivamente ocupada por um parque de estacionamento informal que acabou por cobrir toda a sua extensão. Esta situação provisória manteve-se por quase cinquenta anos. Em 2015 a Câmara Municipal de Lisboa lançou o programa “Uma Praça em Cada Bairro” procurando melhorar o espaço público em vários bairros da cidade. Definiu-se uma área de intervenção de 3,5 hectares. Como estratégia criou-se uma grande superfície de pavimento que procura restabelecer uma unidade que foi fragmentada com a construção do viaduto (VADA, 2018).

2.2.3 Aspectos Conceituais

A construção da praça tira partido do coberto arbóreo existente de Tipuanas-tipu, conservando, mantendo e dignificando todos os exemplares e plantando novos, de modo a

produzir um ambiente a partir das sombras das árvores [FIGURA 07] (VADA, 2018).

Figura 07: Vista superior mostrando a arborização da praça e o viaduto.



Fonte: ArchDaily (2018).

2.2.4 Aspectos Formais

No interior da praça criam-se zonas de estadia e lazer em pontos específicos através de “ilhas” que pontuam o espaço [FIGURA 08]. As “ilhas” são delimitadas por bancos contínuos em todo o seu perímetro (VADA, 2018).

Figura 08: Planta baixa mostrando as ilhas.



Fonte: ArchDaily (2018).

Os bancos de traços retos e curvos são pré-fabricados e definidos por 4 módulos distintos, um módulo reto de comprimento, um módulo curvo e dois módulos de bancos individuais com 2 inclinações de costas distintas [FIGURA 09] (VADA, 2018).

Figura 09: Bancos pré-fabricados.



Fonte: ArchDaily (2018).

2.2.5 Aspectos Funcionais

As “ilhas” dispostas por toda a praça contêm programas de caráter específico que apoiam as áreas de estadia: quiosques com esplanadas, uma fonte [FIGURA 10], um parque infantil [FIGURA 11] e um parque canino [FIGURA 12] e jardins (VADA, 2018).

Figura 10: Ilha que contém a fonte.



Fonte: ArchDaily (2018).

Figura 11: Ilha com o parque infantil.



Fonte: ArchDaily (2018).

Figura 12: Ilha com o parque canino.



Fonte: ArchDaily (2018).

A área da praça sob o viaduto, iluminada durante a noite, permite uma utilização durante 24 horas por dia para diferentes atividades ao abrigo do sol e da chuva [FIGURA 13]. Pretende-se que a praça e o espaço público permitam uma apreensão fácil para todas as idades e que os seus materiais sejam resistentes e de fácil manutenção. Procura-se um ambiente informal, uma utilização contemplativa (VADA, 2018).

Figura 13: Área sob o viaduto.



Fonte: ArchDaily (2018).

Incluiu uma ciclovia [FIGURA 14] que articula com a rede de norte a sul da praça

possibilitando a mobilidade suave de carácter lúdico e funcional [FIGURA 15] (VADA, 2018).

Figura 14: Ciclovía.



Fonte: ArchDaily (2018).

Figura 15: Utilização da praça e circulação.



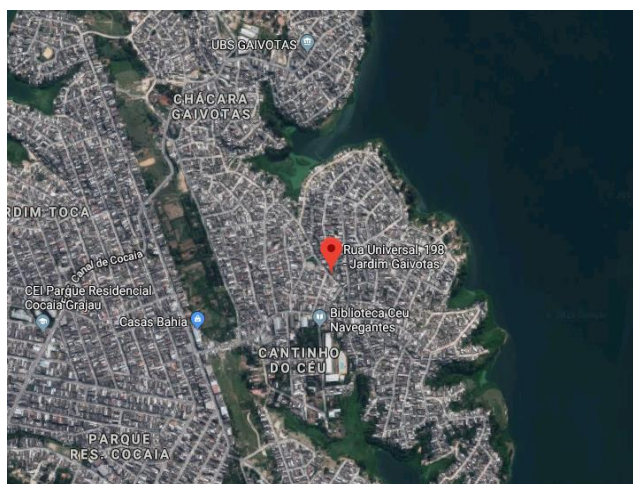
Fonte: ArchDaily (2018).

2.3 COMPLEXO CANTINHO DO CÉU

2.3.1 Localização

Cantinho do Céu é um complexo que engloba três loteamentos irregulares: Residencial dos Lagos, Cantinho do Céu e Gaivotas, localizados em Grajaú, um distrito do município de São Paulo, capital do estado de mesmo nome, no Brasil [FIGURA 16] (BOLDARINI, 2013).

Figura 16: Localização Cantinho do Céu.



Fonte: Adaptada de Google Maps (2019).

2.3.2 Histórico

O projeto de urbanização, elaborado para esses loteamentos irregulares que compõe o Cantinho do Céu, foi desenvolvido a partir de estudos e diretrizes formulados pela Secretaria Municipal de Habitação, em conjunto com a Promotoria Pública, como alternativa a uma ação civil pública que determinava a desocupação da área [FIGURA 17] (BOLDARINI, 2013).

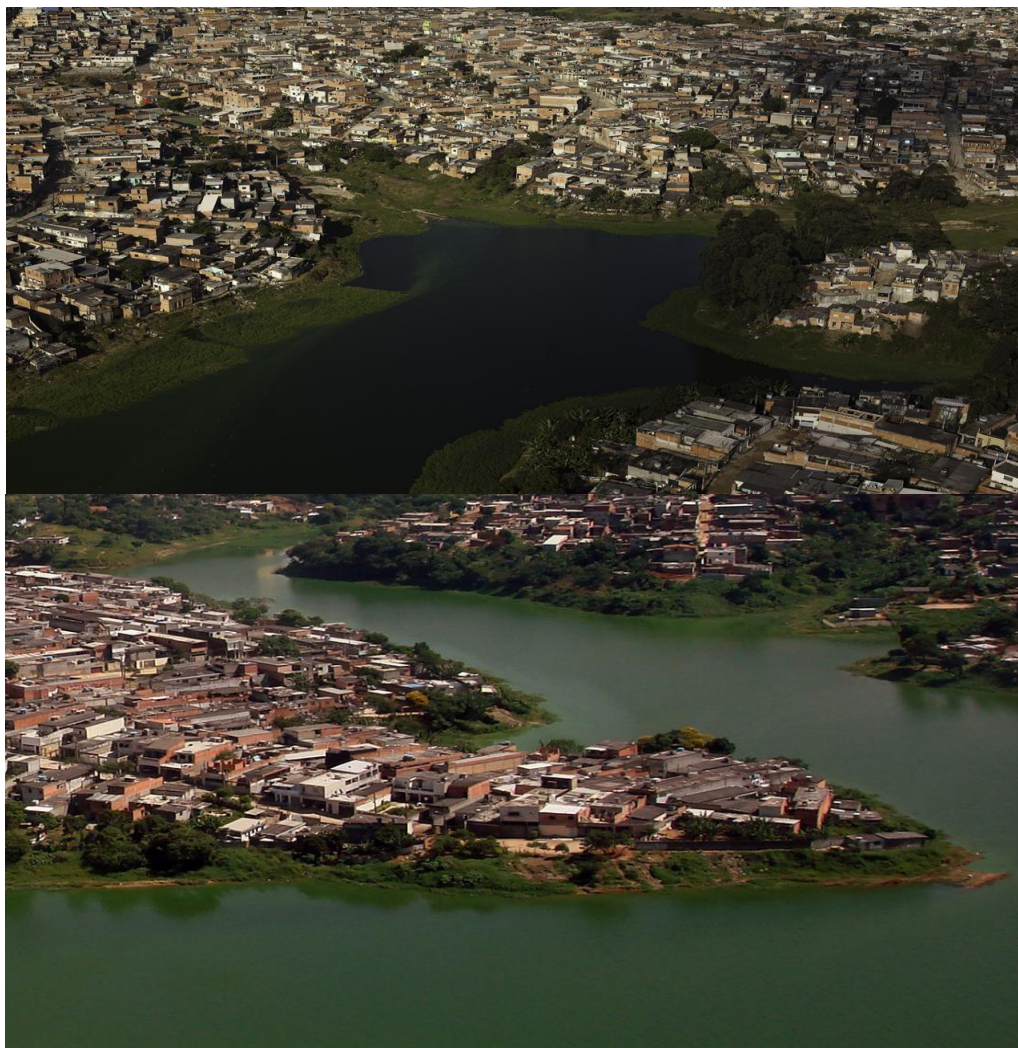
Figura 17: Construções e rua, às margens da represa, antes da intervenção.



Fonte: Adaptada de ArchDaily (2013).

Diante do desafio de intervir nessa área objeto de ação civil pública, ambientalmente frágil e de grandes dimensões territoriais com acesso direto à represa Billings [FIGURA 18], novas experimentações projetuais foram necessárias, tendo como desafio superar os problemas pela ocupação irregular e precária numa área de proteção ambiental e, principalmente, a ocupação inadequada às margens da represa, que tinha como agravante a ausência de saneamento básico (BOLDARINI, 2013).

Figura 18: Vistas aéreas, da ocupação irregular, antes da intervenção.



Fonte: Adaptada de ArchDaily (2013).

2.3.3 Aspectos Conceituais

Na elaboração do projeto de urbanização foram formuladas hipóteses de intervenção que visaram suprir o conjunto de déficits de infraestrutura, qualificar e integrar o assentamento à cidade, conjugando as diversas disciplinas envolvidas, as questões fundiárias e de pós-ocupação, bem como a forma de organização de sua população (BOLDARINI, 2013).

Na contramão daquilo que vem sendo desenvolvido nos novos empreendimentos particulares, as intervenções buscam ressaltar a importância do espaço coletivo e público para a cidade e sociedade, numa perspectiva de transformação efetiva das condições socioespaciais que reforcem o direito à cidade e a inclusão social (BOLDARINI, 2013).

Este é o fio condutor do projeto de urbanização do Cantinho do Céu. Revelar a importância do espaço público e coletivo para a população local, transformando-o no

instrumento principal para a qualificação do bairro (BOLDARINI, 2013).

Esta valorização do espaço público, entendido aqui como o conjunto de elementos capazes de dar suporte as mais diversas manifestações coletivas cotidianas – ruas, vielas, praças, parques – procura resgatar o sentimento de pertencimento à cidade como condição básica para o desenvolvimento das gerações futuras (BOLDARINI, 2013).

“Quando moram em um lugar digno, os moradores começam a se sentir parte da cidade”, explica Boldarini em entrevista à revista Exame (NUNES, 2011). “Com isso, passam a cuidar mais do espaço público, porque sentem que aquilo lhes pertence.”

2.3.4 Aspectos Formais

Inicialmente o foco foi a melhoria das condições de acesso e mobilidade e da dotação de infraestrutura de saneamento ambiental à população residente do Cantinho do Céu, assim como reverter o impacto ambiental negativo que a ausência destas representa para o manancial e para a qualidade de abastecimento de água da população da Região Metropolitana de São Paulo (BOLDARINI, 2013).

Além da infraestrutura, outro aspecto importante foi a necessidade de remoções das construções [FIGURA 19], seja devido à impossibilidade de conectá-las à infraestrutura, seja pela situação de risco que as mesmas estavam expostas; mas, sobretudo, daquelas localizadas às margens da represa Billings [FIGURA 20], que possibilitaram a destinação desta área como parque, buscando aproximar a população da água [FIGURA 21] (BOLDARINI, 2013).

Figura 19: Proposta das construções que seriam removidas.



Fonte: Adaptada de ArchDaily (2013).

Figura 20: Área limpa após a remoção das construções em risco.



Fonte: ArchDaily (2013).

Figura 21: Parque construído no local que foi desocupado.



Fonte: ArchDaily (2013).

As condições de acesso e mobilidade foram trabalhadas a partir da compreensão das estruturas viárias existentes para sua consolidação, e de um conjunto de propostas que procuraram integrar, articular e conectar os três loteamentos entre si e com a malha viária do entorno [FIGURA 22]. Para tanto, novas ruas, vielas, escadarias foram propostas para garantir o acesso aos mais diversos pontos de interesse dentro do Cantinho do Céu e sua conexão com o entorno (BOLDARINI, 2013).

Figura 22: Estudo e proposta viária.



Fonte: Adaptada de ArchDaily (2013).

O parque é configurado por uma faixa de, aproximadamente, 7km de extensão, às margens da represa Billings. A área a ele destinada foi delineada a partir da identificação das construções em situação risco e daquelas com impossibilidade de conexão aos sistemas de saneamento básico, ou seja, a superfície do projeto corresponde às áreas objeto de remoção, sejam elas as já realizadas ou as previstas (BOLDARINI, 2013).

Foi realizado um planejamento inicial, considerando as diferentes características do relevo, hidrografia, remanescentes de vegetação, acessos existentes [FIGURA 23]. A análise destas condicionantes nos conduziu à definição de seis trechos de intervenção, classificados em dois grupos, um voltado à conservação e preservação, outro ao lazer e recreação (BOLDARINI, 2013).

Figura 23: Definição das áreas de preservação e conservação, locais de estar, fluxos e escoamento de águas pluviais.



Fonte: Adaptada de ArchDaily (2013).

Hoje, o parque implantado tem 1,5 km de extensão e se concentra no Residencial dos Lagos; no entanto, esta extensão foi projetada e executada em partes, à medida que as áreas objeto de remoção fossem liberadas (BOLDARINI, 2013).

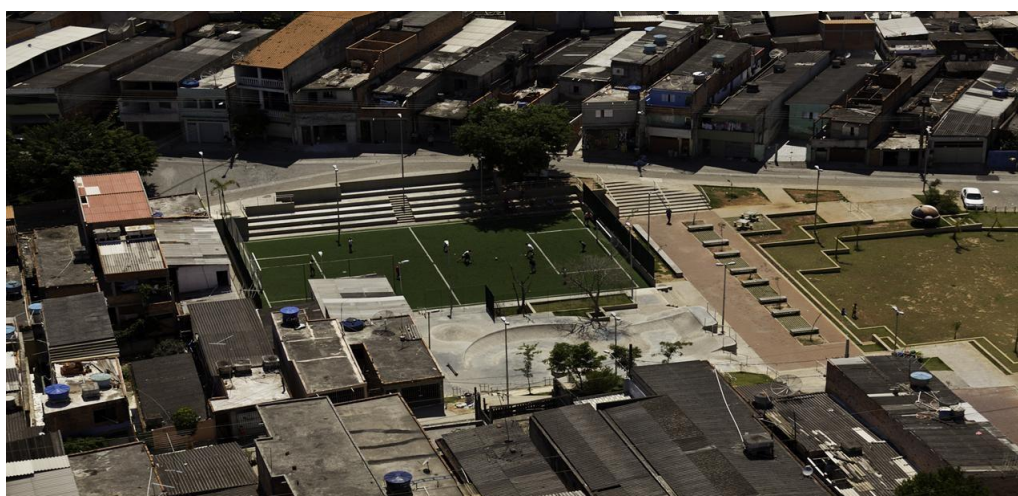
Este método possibilitou desenvolver o projeto a partir da feição revelada do terreno, reconhecendo sua especificidade e propondo intervenções que ressaltassem a importância

ambiental e paisagística da represa, ao mesmo tempo em que possibilitou a integração das ocupações do entorno à área do parque (BOLDARINI, 2013).

2.3.5 Aspectos Funcionais

A intervenção compõe-se o de um conjunto de áreas destinadas à preservação e a usos diversos como lazer, recreação, esportes e contemplação [FIGURA 24]. Os planejadores buscaram a definição de diversas áreas com usos específicos que permitissem que a população, de todas as faixas etárias, encontrassem um local para seu lazer, na pista de skate, de caminhada [FIGURA 25], na quadra, no cinema [FIGURA 26], nos playgrounds, nos decks e nos demais espaços projetados que permitem outras apropriações [FIGURA 27]. O projeto do parque incorpora também as faces cegas das edificações com as quais ele confronta, propondo o tratamento destas como um painel [FIGURA 28], em cores e ritmos integrado ao parque, com a finalidade de compor uma paisagem com o ambiente natural e construído (BOLDARINI, 2013).

Figura 24: Vista aérea da quadra de futebol, pista de skate e praça para contemplação.



Fonte: ArchDaily (2013).

Figura 25: Pista de caminhada.



Fonte: ArchDaily (2013).

Figura 26: Cinema.



Fonte: ArchDaily (2013).

Figura 27: Moradores fazendo exercícios no deck.



Fonte: ArchDaily (2013).

Figura 28: Painel composto pelas faces cegas das edificações.



Fonte: ArchDaily (2013).

As áreas livres atuam então como um sistema de áreas verdes, associando usos de recreação e lazer à preservação da margem, com a manutenção e reconstituição de espécies vegetais nativas. O Parque apresenta-se como uma faixa limítrofe de apropriação coletiva entre a área ocupada e o reservatório (BOLDARINI, 2013).

3 APLICAÇÃO DO TEMA DELIMITADO

Com base nos levantamentos teóricos e nos estudos dos correlatos, abordados nos capítulos anteriores, foram definidos diversos pontos que serão abordados no projeto prático de revitalização da praça Tocantins, são eles: segurança, preservação da vegetação existente, interação dos usuários com a praça, livre circulação, priorização do pedestre, multifuncionalidade e acessibilidade; respeitando o entorno e suas necessidades.

Os levantamentos a seguir darão respaldo para a definição do conceito, do partido arquitetônico e do programa de necessidades da praça que serão apresentados ao final do capítulo.

3.1 CIDADE DE CASCAVEL

A cidade de Cascavel está localizada na região oeste do estado do Paraná [FIGURA 29], fazendo divisa com treze municípios [FIGURA 30]. Cascavel possui uma topografia privilegiada, fato que facilitou seu desenvolvimento e permitiu a construção de ruas e avenidas largas e bairros bem distribuídos. Cascavel é conhecida como a Capital do Oeste Paranaense, por ser o polo econômico da região e um dos maiores municípios do Paraná (CASCAVEL, 2019).

Figura 29: Localização do município de Cascavel.



Fonte: Wikipédia (2019).

Figura 30: Limites do município de Cascavel.



Fonte: IPARDES (2019).

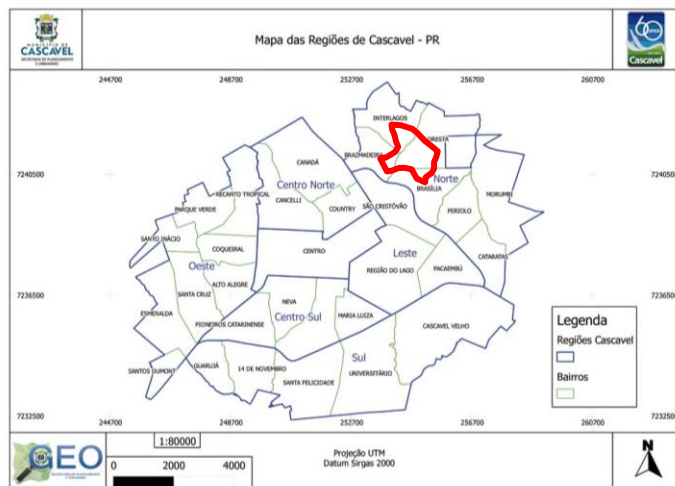
Possui cerca de 319.608 habitantes e 2.091,401 km² de território (IPARDES,2018). Apresenta 59.8% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 95.1% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 55.2% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio) (IBGE,2010).

3.2 PRAÇA TOCANTINS

3.2.1 Localização

A Praça Tocantins está localizada na rua Adolfo Garcia, número 566 no bairro Brasmadeira, situado na região norte da cidade de Cascavel no estado do Paraná [FIGURA 31], acessada pelas ruas Adolfo Garcia, Poente do Sol e Rio São Francisco [FIGURA 32].

Figura 31: Localização do bairro Brasmadeira.



Fonte: Cascavel (2019).

Figura 32: Localização da praça Tocantins.



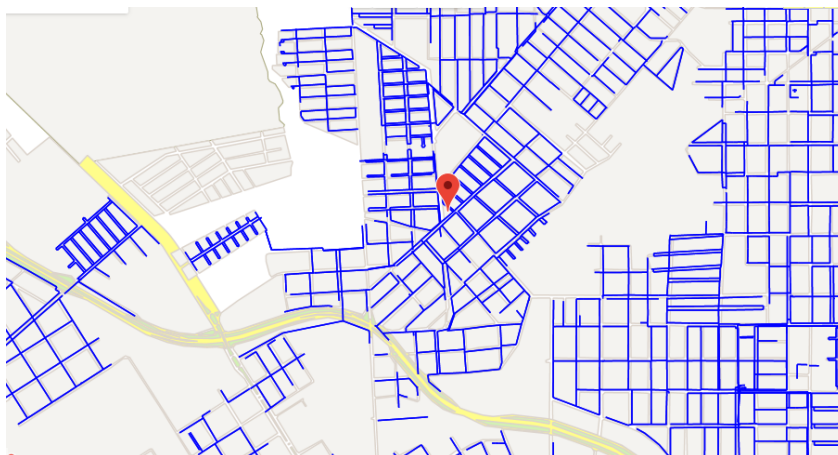
Fonte: Adaptação Google Maps (2019).

O bairro Brasmadeira possui cerca de 6.827 habitantes, sendo 49,55% mulheres e 50,45% homens. Possui uma média de 3,4 moradores por domicílio (CENSO, 2010).

3.2.2 Equipamentos urbanos

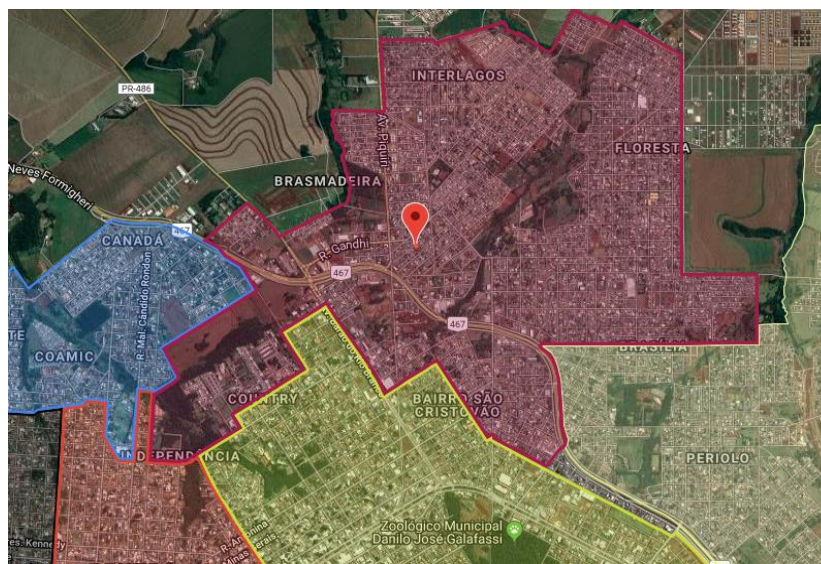
O terreno possui infraestrutura de abastecimento de água conforme indicado na figura 33. E segundo a Trata Brasil, em uma pesquisa no ano de 2018, Cascavel estava em segundo lugar no ranking nacional do saneamento básico, levando água tratada à 99,99% da população e coleta de esgoto à 100%, e destes 100% coletados foram tratados 94,57%.

Figura 33: Rede de abastecimento de água.



Fonte: Geoportal Cascavel (2010).

Figura 34: Zona de Coleta Legal.



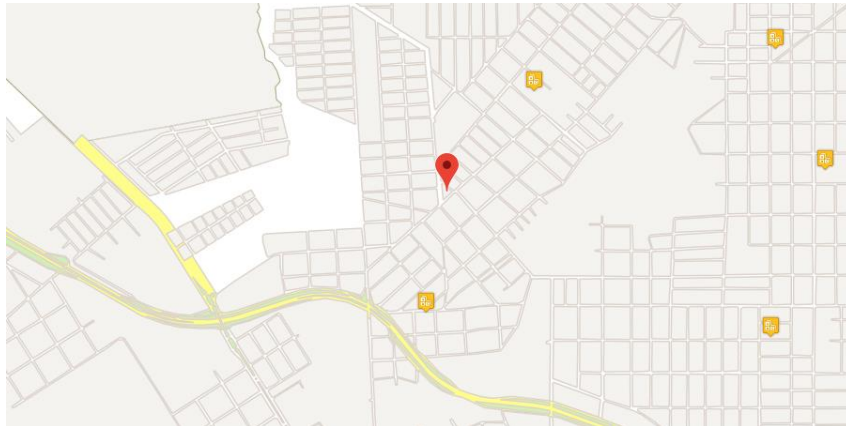
Fonte: Google Maps (2019).

O bairro faz parte da Zona de coleta de lixo reciclável, denominada Coleta Legal, onde é atendido uma vez por semana: às quartas-feiras [FIGURA 34].

3.2.3 Equipamentos comunitários

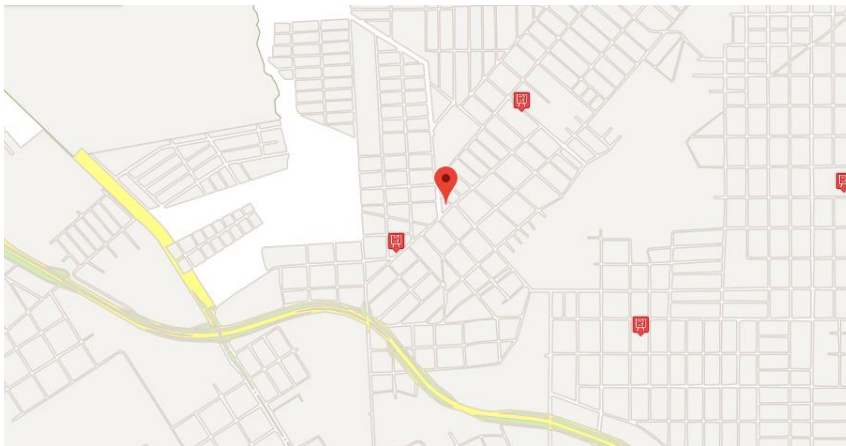
A praça Tocantins possui diversos equipamentos comunitários em sua região. Na área da educação possui CMEI's [FIGURA 35], escolas municipais [FIGURA 36] e colégios estaduais [FIGURA 37] em seus arredores. Na área da saúde possui, muito próxima à área de implantação da praça, uma Unidade Básica de Saúde (UBS) [FIGURA 38] e farmácias à cerca de um quilômetro da região [FIGURA 39].

Figura 35: Localização de CMEI's.



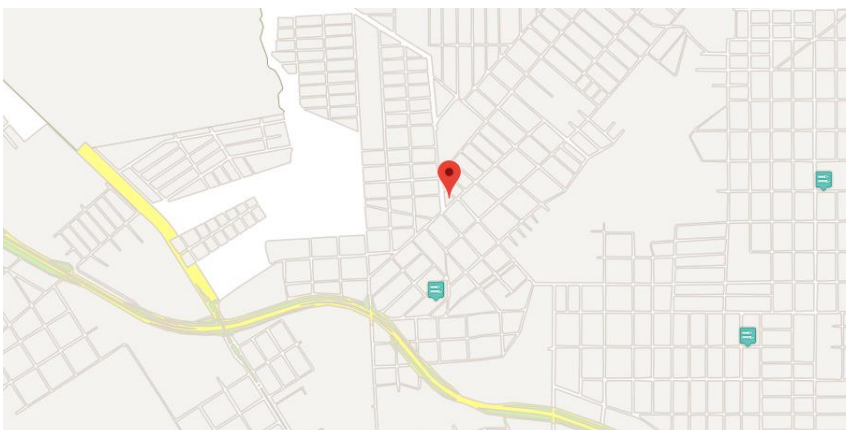
Fonte: Geoportal de Cascavel (2019).

Figura 36: Localização de escolas municipais.



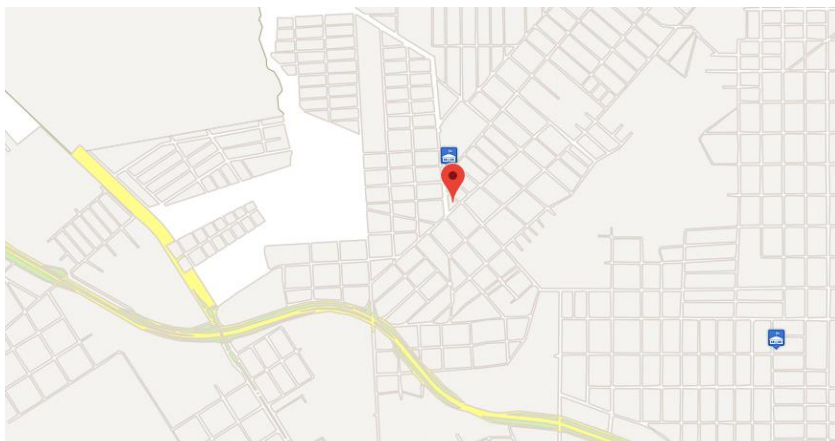
Fonte: Geoportal de Cascavel (2019).

Figura 37: Localização de colégios estaduais.



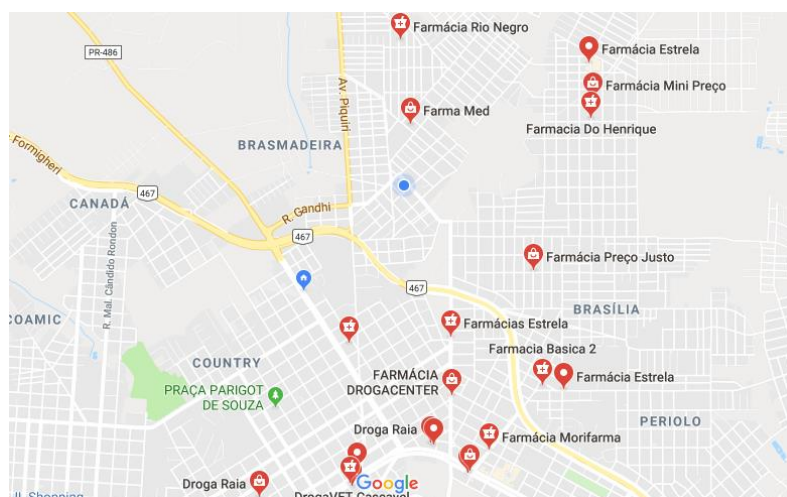
Fonte: Geoportal de Cascavel (2019).

Figura 38: Localização de UBS's.



Fonte: Geoportal de Cascavel (2019).

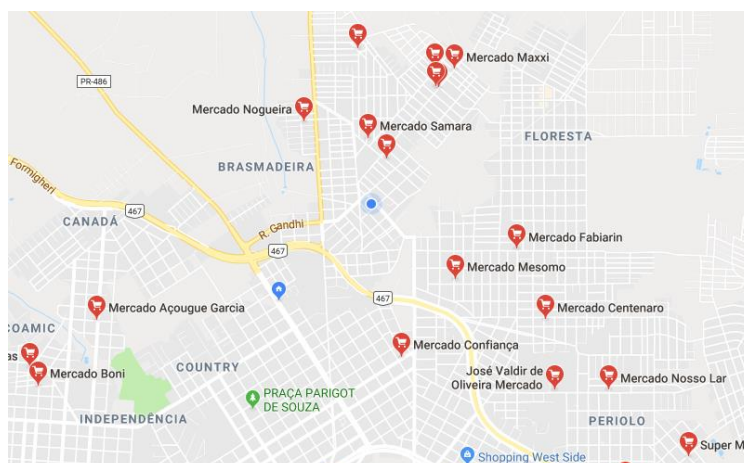
Figura 39: Localização de farmácias.



Fonte: Google Maps (2019).

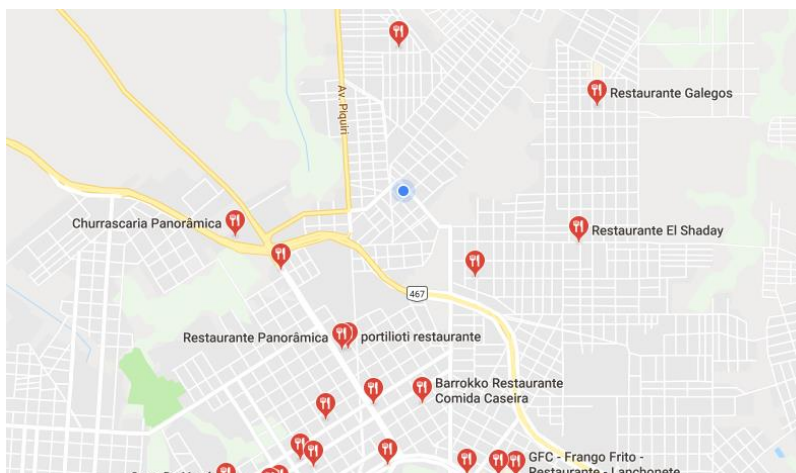
Na área de alimentação, existem pontos de mercados [FIGURA 40], restaurantes [FIGURA 41] e lanchonetes [FIGURA 42].

Figura 40: Localização de mercados.



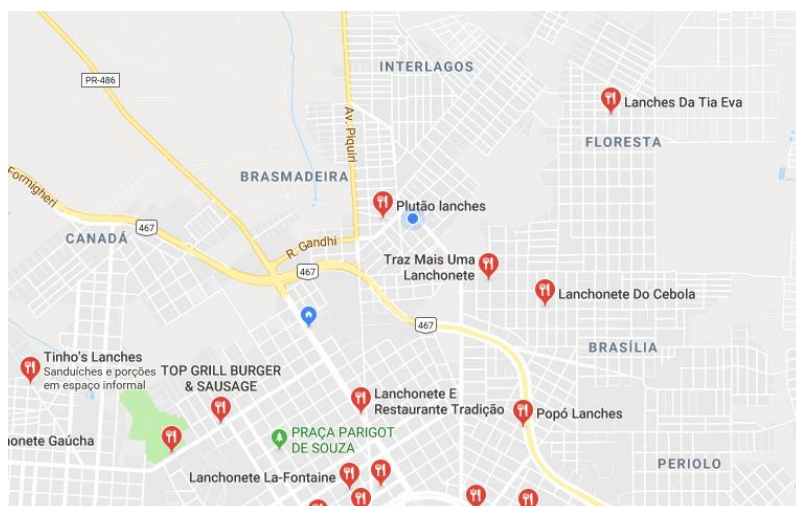
Fonte: Google Maps (2019).

Figura 41: Localização de restaurantes.



Fonte: Google Maps (2019).

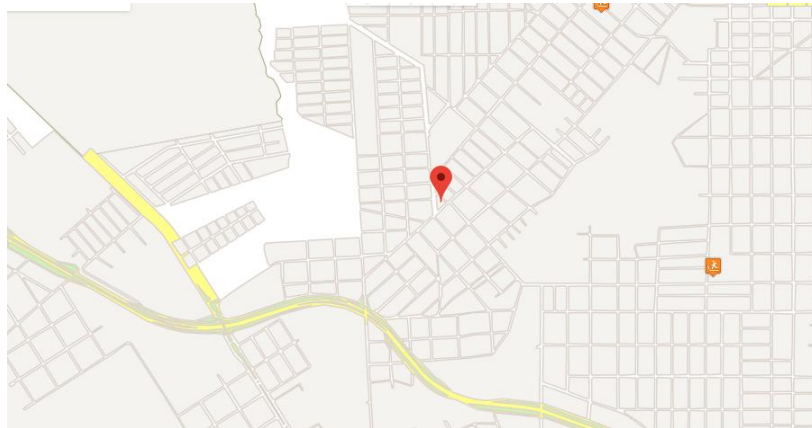
Figura 42: Localização de lanchonetes.



Fonte: Google Maps (2019).

Ao consultar sobre espaços de esporte e lazer notou-se que, no bairro, poucos locais estão destinados à estas funções. Existe uma academia, porém, a uma distância bastante considerável do local da praça Tocantins, e nenhuma outra praça, parque ou *playground* que atenda ao bairro.

Figura 43: Localização de áreas esporte e lazer.



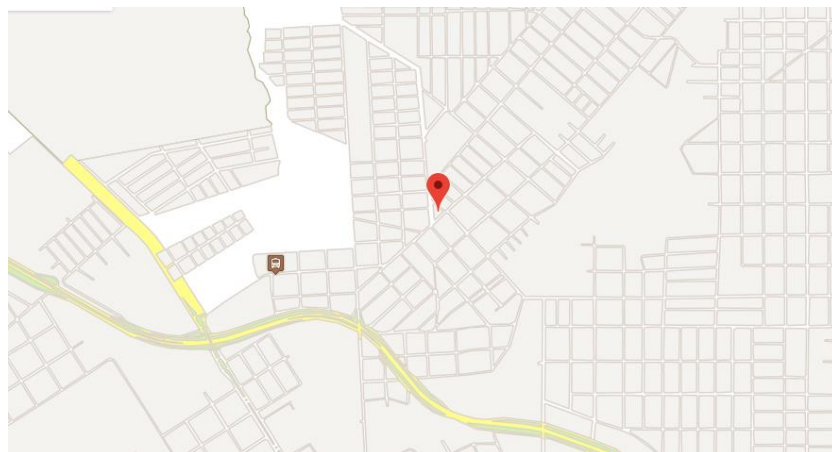
Fonte: Geoportal de Cascavel (2019).

A figura 43 mostra apenas um ponto, onde existe uma academia da terceira idade, porém a cerca de um quilômetro do local da proposta, sendo assim, não atende à toda a região.

3.2.4 Geração de tráfego e demanda por transporte público

O bairro possui o Terminal Urbano Nordeste [FIGURA 44], e a praça é atendida por dois pontos de ônibus [FIGURA 45] e cinco linhas, sendo Interlagos, Melissa, Tarumã, Gralha Azul via Tarumã e Terminal Leste – Terminal Nordeste via UPA II.

Figura 44: Terminal Nordeste.



Fonte: Geoportal Cascavel (2019).

Figura 47: Arborização da praça Tocantins.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

3.2.6 Mobiliário urbano

A praça possui dois bancos [FIGURA 48] e duas lixeiras [FIGURA 49] que estão deteriorados. A iluminação pública é feita por apenas um superposte que fica no centro da praça [FIGURA 50]. Ao redor da praça não existem calçadas, já no interior da praça, as que ainda existem estão deterioradas e não possuem acessibilidade [FIGURA 51]. Na fachada voltada para a rua Adolfo Garcia existe um ponto de transporte público [FIGURA 52].

Figura 48: Bancos existentes.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 49: Lixeiras existentes.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 50: Superposte existente.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 51: Calçadas existentes.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 52: Ponto ônibus existente.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

3.3 INTENÇÕES PROJETUAIS

Analisando os levantamentos anteriores sobre a praça Tocantins, percebe-se que ela é carente de mobiliários urbanos, caminhabilidade, acessibilidade e iluminação. Ela não possui identidade visível, devido a sua degradação, desta forma ela se torna quase um “papel em branco” para se trabalhar.

3.3.1 Conceito

A praça Tocantins proporcionará, aos moradores da região, um espaço de lazer, atividades físicas, contemplação, descanso, passagem e principalmente de segurança. Para que tudo isso funcione em harmonia é necessário trazer aos usuários uma sensação de pertencimento, onde entendam que todo aquele ambiente é uma extensão de suas casas e que sua preservação é essencial. Com isso temos como conceito principal a sensação de pertencimento.

3.3.2 Partido arquitetônico

A sensação de pertencimento será atingida através da multifuncionalidade dos mobiliários e espaços da praça, estimulando os usuários a utilizarem esses elementos de formas criativas e se sentirem à vontade nesse ambiente. Para a priorização do pedestre e sua segurança, será proposto o fechamento de uma das vias da rua Poente do Sol e o seu trânsito será desviado para a rua Rio São Francisco.

3.3.3 Programa de necessidades

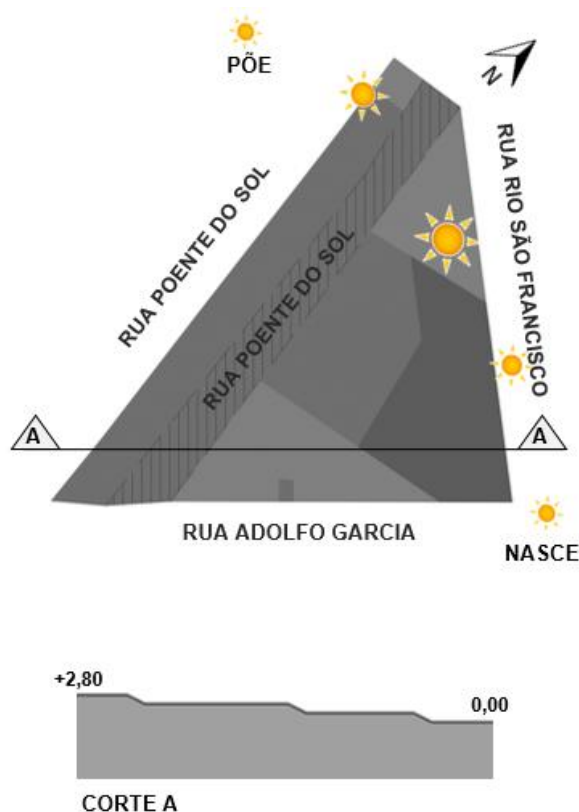
O programa de necessidades foi definido através da análise da praça Tocantins e seu entorno, baseado nas necessidades e carências da região.

- *Playgroud*
- Academia
- Área verde multifuncional
- Área com piso multifuncional
- Mobiliário urbano
- Bicicletário
- Acessibilidade

3.3.4 Insolação e desnível do terreno

O sol nascente iluminará o terreno pela rua Rio São Francisco e o poente iluminará pela rua Poente do Sol, a praça não sofrerá com a insolação mais forte nos períodos de pico do sol, pois possui uma arborização bem fechada favorecendo assim o sombreamento da praça. O terreno possui um desnível de cerca de 2,80 metros [FIGURA 53].

Figura 53: Insolação e desnível do terreno.

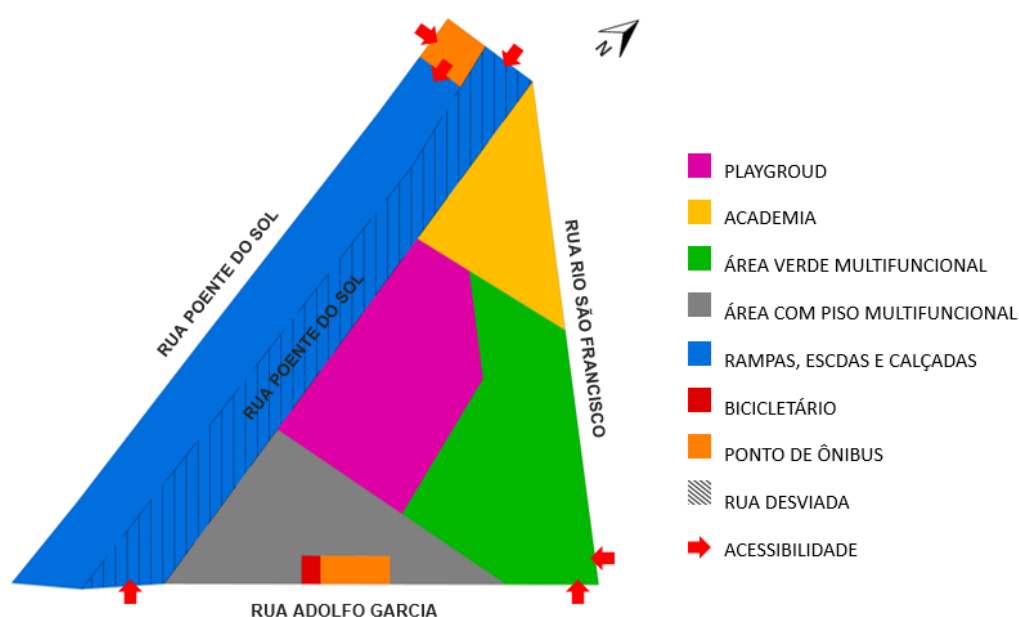


Fonte: Produzida pela autora (2019).

3.3.5 Plano massa

Foi proposto calçadas, rampas e escadas no canteiro que divide as duas vias da rua Poente do Sol, pois não existe local destinado a locomoção e passagem de pedestres neste canteiro, e foi proposto também o fechamento de uma das vias desta rua, a via que fica ao lado da praça [FIGURA 54], todas estas medidas foram tomadas para garantir a segurança e travessia dos pedestres que vem do lado sudoeste da praça. O *playground* está situado próximo à rua desviada, pois ali não haverá mais fluxo de veículos tornando a área mais segura para as crianças.

Figura 54: Plano massa.



Fonte: Produzida pela autora (2019).

A área com piso multifuncional está voltada para a rua Adolfo Garcia pois nela estariam propostos grande parte dos mobiliários urbanos e exatamente neste área há uma concentração de comerciantes autônomos, que algumas vezes utilizam este local para expor seus produtos, como caldo-de-cana, redes, salame, cestos, etc.

A área verde multifuncional, foi proposta em sua maior parte voltada para a rua São Francisco pois a insolação da manhã não afetaria sua utilização, esta área foi proposta para que os moradores a utilizem como um espaço de contato com a natureza, onde eles possam deitar na grama, fazer pique-niques, tocar instrumentos com amigos, e qualquer outra utilização que conseguirem imaginar.

A academia da terceira idade está proposta na ponta da praça, pois é onde a insolação do período da manhã não atinge com tanta evidência e é possível observar o pôr do sol deste local, tornando assim a experiência de se exercitar, mais agradável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve o intuito de relacionar pesquisas bibliográficas e análises de correlatos, com a finalidade de elaborar um projeto de revitalização urbana para a Praça Tocantins, em Cascavel – PR.

Foi realizada uma revisão bibliográfica a fim de se compreender a importância da praça no ambiente urbano e porque a revitalização urbana é tão importante para a melhoria destes espaços.

Compreendeu-se que o espaço urbano é muito mais do que apenas uma população, ele é o que gera bem-estar e traz praticidades que induzem uma grande parte das pessoas a querer viver em comunidade. A composição física do espaço urbano além dos elementos naturais, é composto pelos elementos criados pelo ser humano como o pavimento, os edifícios, o lote, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado/a rua, a praça, o monumento, a árvore e a vegetação, o mobiliário urbano. O meio urbano é composto não só da percepção física e visual, ele agrega à estas percepções vivências e histórias de seu observador para constituir o espaço da cidade. Entende-se assim que o meio urbano deve ser uma junção harmônica do natural, artificial e sensorial.

Para que o espaço urbano tenha qualidade é necessário que ele seja um ambiente onde seja possível praticar as atividades opcionais e sociais como caminhar ao ar livre, praticar esportes, encontrar pessoas, relaxar em contato com a natureza; Caso contrário ele será utilizado apenas para as atividades necessárias como ir trabalhar, ir ao mercado e pagar contas, e os usuários sempre aguardarão o momento em que voltarão para casa. Desta forma destaca-se a importância de se melhorar as configurações dos espaços públicos com o intuito de proporcionar aos habitantes da cidade uma escolha e a espontaneidade de vivenciarem esses espaços em atividades opcionais. Uma intervenção urbana e até mesmo paisagística eficiente, que interfira no tempo e espaço, reanima qualidades do local, resgatando o que se havia perdido.

Uma revitalização pode ser parcial ou total de um determinado lugar, o que significa que o local pode ser modificado totalmente ou pode ser mantida algumas de suas características, e ela não é feita apenas em áreas de preservação histórica, e sim sempre que necessário em uma área que está corrompida. Ao unir a revitalização com a qualidade de vida de uma população, entendemos que ela pode estar diretamente ligada à intervenção em áreas verdes, já que estas podem ser classificadas em três aspectos, valores paisagísticos, valores recreativos, e valores ambientais. Todos estes aspectos possuem ligações na qualidade de vida da população urbana.

Nesse sentido, as áreas verdes podem ter o papel de identidade dos lugares e merecem mais atenção pelas funções que desempenham na recreação.

Durante o desenvolvimento das cidades e verticalização das mesmas, observou-se uma necessidade em proporcionar espaços de lazer e contato com a natureza à população; e as praças, por serem locais tão significativos, podem ser uma das melhores formas de criar estes espaços, contribuindo assim para a qualidade de vida urbana.

O problema de pesquisa proposto foi: como proporcionar um espaço de lazer para os moradores do bairro Brasmadeira, de forma a trazer uma melhor qualidade de vida e segurança para a região? A hipótese foi de que no bairro Brasmadeira é possível encontrar áreas que possuíam uma finalidade de lazer, mas que hoje já estão totalmente desviadas e abandonadas, este é o caso da praça Tocantins. Uma revitalização neste local proporcionará aos moradores mais que um espaço de lazer, trará desenvolvimento, segurança e qualidade de vida. E esta hipótese foi confirmada através da compreensão dos elementos do embasamento teórico, e através das análises feitas no entorno da praça Tocantins, que mostram que ela está em uma localização favorável, onde existe o encontro de diversas ruas, próxima a muitos comércios, colégios e escolas, onde se percebeu também uma carência de espaços de lazer e descanso para os moradores do bairro e uma revitalização nesta praça melhoraria a qualidade de vida nesta região.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. M. A. **A configuração urbana e sua relação com os microclimas**: estudo de frações urbanas na cidade de Maceió. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2006.
- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia científica**: Um guia para a iniciação científica, São Paulo, Makron Books, 2000.
- BEZERRA, A. M. M.; CHAVES, C. R. C. **Revitalização Urbana**: Entendendo o processo de requalificação da paisagem. Revista do Ceds Periódico do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB, 2014.
- BOLDARINI, M. **Urbanização do Complexo Cantinho do Céu / Boldarini Arquitetura e Urbanismo**. 2013. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-157760/urbanizacao-do-complexo-cantinho-do-ceu-slash-boldarini-arquitetura-e-urbanismo>>. Acessado em: 09 Mai 2019.
- BRAGA, M. **Conservação e restauro**: madeira, pintura sobre madeira, douramento, estuque, azulejo, mosaico. Rio de Janeiro, 2003.
- BRANDI, C. **Teoria da Restauração**. 1.ed. Palpirus Ateliê Editorial, Cotia, SP, 2004.
- CASCAVEL. **História**. 2019. Disponível em: <<https://cascavel.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/2>>. Acessado em: 19 Mai 2019.
- CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2006.
- DE CARLI, L. R. **A revitalização urbana em um pequeno município**: O caso da Praça das Palmeiras em Santa Izabel do Oeste. Paraná, 2008.
- DELPHIM, C. F. M. **Manual de intervenções em Jardins Históricos**. 1999.
- FARAH, I.; SCHLEE, B. M.; TARDIN, R. **Arquitetura Paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- FERREIRA, J. S. W. **Apostila didática**: alguns elementos de reflexão sobre conceitos básicos de planejamento urbano e urbano-regional. Depto. de Arquitetura da Universidade de Taubaté, 2002.
- GEHL, J. **Life Between Buildings**: Using Public Space. Washington – Covelo – London: Island Press, 1987.
- IBGE. **População no último censo**, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cascavel/panorama>>. Acessado em: 14 Mar 2019.
- IPARDES. **Caderno Estatístico**: Município de Cascavel. 2019. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85800&btOk=ok>>. Acessado em: 19 Mai 2019.
- LAMAS, J. M. RESSANO, G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**, 1993.

LERNER, J. **Acupuntura urbana**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

LIRA, J. A. F.; PAIVA H. N.; GONÇALVES, W. **Paisagismo princípios básicos**. Minas Gerais: Aprenda Fácil Editora, 2001.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PEREIRA, M. **Calçada de Todas as Cores / Zoom Urbanismo Arquitetura e Design + LAO Engenharia & Design**. 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/912054/calçada-de-todas-as-cores-zoom-urbanismo-arquitetura-e-design-plus-lao-engenharia-and-design>>. Acessado em: 25 Abr 2019.

_____. **Metodologia Científica**. – 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2011.

NEGT, O. **Espaço público e experiência**. In: PALLAMIN, Vera M. (org); LUDEMANN, Marina (coord). Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

NUNES, B. **Projetos urbanísticos podem transformar favelas**. 2011. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/projetos-urbanisticos-podem-transformar-favelas/>>. Acessado em: 09 Mai 2019.

OLIVEIRA, I. C. E. **Estatuto da Cidade**: para compreender. Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 2001.

O PARANÁ. **Região Norte é a mais violenta de Cascavel**. Cascavel, 2017. Disponível em: <<https://oparana.com.br/noticia/regiao-norte-e-a-mais-violenta-de-cascavel/>>. Acesso em: 07 Mai 2019.

PRONSATO, S. A. D. **Arquitetura e Paisagem projeto participativo e criação coletiva**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fupam, 2005.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras**, 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

SILVA, G. J. A. ROMERO, M. A. B. **O urbanismo sustentável no Brasil**: a revisão de conceitos urbanos para o século XXI (parte 01). Vitruvius, 2011. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.128/3724>>. Acessado em: 20 Mar 2019.

_____. **O urbanismo sustentável no Brasil**: a revisão de conceitos urbanos para o século XXI (Parte 02). Vitruvius, 2011. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.129/3499>>. Acessado em: 20 Mar 2019.

TANSCHKEIT, P. **Espaços Públicos**: a transformação urbana com a participação da população. 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/875364/espacos-publicos-a-transformacao-urbana-com-a-participacao-da-populacao>>. Acessado em: 20 Mai 2019.

TRATA BRASIL. **Cascavel mostra grande evolução no saneamento básico.** 2018. Disponível em: < <http://www.tratabrasil.org.br/cascavel-mostra-grande-evolucao-no-saneamento-basico>>. Acessado em: 19 Mai 2019.

URIARTE, U. M.; Esteves, Milton (Org.). **Panoramas urbanos:** reflexões sobre a cidade. 1. ed. Salvador: Edufba, 2003.

VADA, P. **Praça Fonte Nova / José Adrião Arquitetos.** 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/891211/praca-fonte-nova-jose-adriao-arquitetos>>. Acessado em: 08 Mai 2019.

WIKIPÉDIA. **Cascavel (Paraná).** 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cascavel_\(Paraná\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cascavel_(Paraná))>. Acessado em: 19 Mai 2019.